

DA PALAVRA VIVA À PALAVRA DE ORDEM: UMA LEITURA DA AGITAÇÃO E PROPAGANDA A PARTIR DO CONTEXTO RUSSO-SOVIÉTICO

Fabiana Zogbi Lontra da Conceição¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo discutir as noções de agitação e propaganda a partir de um de seus produtos, a palavra de ordem. Para isso, partimos das leituras de Valentin Volóchinov, notadamente de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2018), *O que é a linguagem/língua?* (2019) e *A palavra e sua função social* (2019). Apoiamo-nos igualmente nos estudos desenvolvidos por Zandwais (2019) sobre a propaganda política em diferentes contextos, nas considerações a respeito da noção de “palavra viva” desenvolvidas em Brandist (2016) e nos estudos dedicados ao Círculo de Bakhtin de Tchougounnikov (2005). Tomamos como base, ainda, os textos *A propósito das palavras de ordem* (2005), *Teses de abril* (2005) e *Que fazer?* (1982), todos de Vladímir Lênin. Como objeto de análise, selecionamos as palavras de ordem “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Pretendemos, através da análise, debater como os princípios políticos de agitação e propaganda se fazem ver da noção de “palavra viva”. A partir das reflexões feitas, buscamos compreender o poder da palavra de ordem com base no contexto russo-soviético, considerando o período histórico entre os preparativos para a Revolução Russa e o período de produção intelectual de membros do Círculo de Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra Viva. Palavra de Ordem. Agitação. Propaganda.

ABSTRACT: This paper aims to discuss the notions of agitation and propaganda based on one of its products, the watchword. For this, we start from the readings of Valentin Volochinov (2018; 2019). We also rely on the studies developed by Zandwais (2019) on political propaganda in different contexts, on the considerations regarding the notion of “living word” developed in Brandist (2016), on Tchougounnikov's studies about the Bakhtin Circle (2005) and on Vladímir Lenin's texts (2005a; 2005b; 1982). For our analysis, we selected the watchwords “all power to the soviets” and “peace, bread and land”. We intend to debate how the political principles of agitation and propaganda are seen in the notion of “living word”. From the reflections made, we seek to understand the power of the watchword based on the Russian-Soviet context, considering the historical period between the preparations for the Russian Revolution and the period of intellectual production of members of the Bakhtin Circle.

KEYWORDS: Living Word. Watchword. Agitation. Propaganda.

Introdução

Valentin Volóchinov (2018, p. 106, grifos do autor) afirma, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), que a palavra é “o indicador mais sensível das *mudanças sociais*, sendo

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: fablontra@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando [...]”. Consideramos essa afirmação como base de nossa presente investigação. Aqui, pretendemos analisar a tomada de palavra pelo contexto revolucionário russo a partir das noções de palavra de ordem e palavra viva, uma vez que as duas parecem andar juntas naquele período: para Brandist (2016, p. 16), as discussões entre os povos da Rússia sobre os rumos políticos a se tomar após a derrubada da autocracia tsarista “constituíram uma esfera em que a noção de palavra viva desempenhou um papel importante”.

Para conduzir este estudo, começaremos apresentando alguns conceitos teóricos dos estudos linguísticos russos da primeira metade do século XX que consideramos pertinentes. Aqui, tomamos como suporte teórico os estudos de Lev Iakubinski que precederam o Círculo de Bakhtin, os estudos do Círculo e a retomada destes por Tchougounnikov (2005). Em seguida, passaremos ao conceito de agitação e propaganda desenvolvido por Plekhánov e retomado por Lênin ([1902]1982) e Zandwais (2019). Recuperando os conceitos de palavra viva e palavra de ordem, passaremos, então, à análise de duas palavras de ordem dos bolcheviques no período revolucionário russo: “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Por fim, teceremos algumas considerações finais de modo a recuperar os conceitos operados ao longo do trabalho.

A língua e a palavra viva na Rússia

Para compreender o funcionamento da língua tal qual estudado pelos teóricos russo-soviéticos da primeira metade do século XX, acreditamos ser necessário, em primeiro lugar, afastarmo-nos dos preceitos linguísticos difundidos no Ocidente. É preciso, antes de tudo, entender as especificidades da língua russa. Segundo Malamoud e Omelyantchik (2018, p. 277), a língua russa está fundamentada no fenômeno linguístico da diglossia, caracterizado pela “coexistência de duas línguas dotadas de valores diferentes em uma mesma sociedade”. A primeira é o eslavo, a língua litúrgica, literária e, portanto, escrita; a segunda é o russo popular, a língua do cotidiano, das atividades práticas, logo, da fala. Essa distinção constitutiva da língua russa parece influenciar bastante os modos de enxergar a língua dos grandes teóricos da língua e da literatura na Rússia do início do século XX, que abordaram a fala dialogal e a palavra viva de maneira inédita², distanciando-se assim dos estudos ocidentais em Linguística em voga na época, fundamentados majoritariamente na Filologia e no estudo das línguas mortas (VOLÓCHINOV, [1929]2018).

² Brandist (2016) também relaciona a influência da teologia ortodoxa nas elaborações a respeito da palavra viva.

Um dos pioneiros nos estudos da fala dialogal foi Lev Iakubinski, que representava dois aspectos igualmente importantes dentre a intelectualidade russa: a multiplicidade de interesses e a não compartimentação de saberes científicos. Iakubinski estudou desde a fonética da linguagem poética à Sociolinguística e a Linguística Histórica, além de exercer forte atuação na Educação Básica no período pós-revolucionário – foi, ainda, responsável pela criação do Instituto da Palavra Viva na Rússia, em 1918, que tinha como tarefa ensinar o povo a discursar em público (IVANOVA, 2012).

O estudioso também evidenciava outro aspecto importante que permeava os estudos linguísticos da época: o caráter classista, que encontra sua representação máxima no território soviético com a publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* em 1929 pelo Círculo de Bakhtin. Iakubinski foi, na verdade, a base das diversas questões sociológicas e linguísticas abordadas por Volóchinov e Bakhtin, como o aspecto fundamentalmente ideológico da língua e os estudos de dialogismo (BRANDIST, 2003).

Iakubinski tratou do discurso público desde uma perspectiva materialista, levando em consideração o desenvolvimento do capitalismo. Para ele, o discurso público e seus gêneros puderam prosperar nas sociedades através do desenvolvimento do capitalismo, uma vez que o feudalismo não possibilitava alguns aspectos da vida social que fomentavam tal discurso, como debates nos parlamentos, nos tribunais, enfim, na esfera pública.

No entanto, apesar de desenvolver diversos gêneros do discurso público, o capitalismo, em uma faceta de suas diversas contradições, também impede o acesso de grande parte da população a esses gêneros (BRANDIST, 2003). Volóchinov avança ainda mais nesse aspecto quando postula que as relações produtivas e os regimes políticos determinam todos os meios de comunicação verbal entre as pessoas. Pelo fato de várias classes usarem a mesma língua, o signo torna-se palco da luta de classes, evidenciando os múltiplos acentos que se entrecruzam em seu seio. No entanto, essa dialética interna do signo, como pontua Volóchinov ([1929]2018), tende a ser ocultada pelas classes dominantes. É apenas em épocas de crises sociais e revoluções que tal dialética pode apresentar-se em sua totalidade. Para o autor, o fato de estar inserido na história e na luta de classes faz do signo um elemento vivo:

Na verdade, apenas graças a essa refração de opiniões, avaliações e pontos de vista é que o signo tem a capacidade de viver, de movimentar-se e desenvolver-se. Ao ser retirado do embate social acirrado, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em objeto de análise filológica, e não da interpretação social viva. (VOLÓCHINOV, [1930b] 2019, p. 319).

Esses aspectos, portanto, evidenciam a própria natureza social dos enunciados, como formula Volóchinov: para ele, todo o conjunto de condições de uma situação concreta determina a construção do enunciado, sejam as posições sociais dos falantes/público, os temas do discurso, a escolha das palavras, etc. Ainda, a ideologia de classe, como vimos, tem um papel fundamental na construção verbal “ao expressar e realizar não só por meio do seu conteúdo, mas pela sua própria forma, a *relação* do falante com o mundo e as pessoas, bem como a *relação* com dada situação e dado auditório” (VOLÓCHINOV, [1930b]2019, p. 308-309, grifos do autor). Tchougounnikov (2005, p. 16) sistematiza esse ponto ao dizer que “o indivíduo está constantemente investido pelo meio social ambientado por intermédio dos signos lingüísticos”.

Cabe ainda ressaltar os estudos sobre ideologia desenvolvidos no Círculo de Bakhtin e colocados em discussão por Tchougounnikov (2005). O autor retoma as discussões acerca do tema a partir de Mdvedev, Bakhtin e Volóchinov, estabelecendo como ponto de contato entre os autores o aspecto sensível e objetivo do signo como explicação para o fenômeno ideológico da palavra: em síntese, Tchougounnikov (2005, p. 19) afirma que o “signo ideológico é um fenômeno material”. Em Volóchinov ([1929]2018), vemos que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, acompanhando e comentando qualquer ato ideológico: “É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação *sígnica*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99). Assim, se todo o material ideológico pode ser expresso por um material semiótico, Volóchinov chega à conclusão de que tudo que é expresso ou é capaz de ser expresso possui valor ideológico (TCHOUGOUNNIKOV, 2005). O signo ideológico, nessa ótica, possui a característica de refletir e refratar a realidade, cujo trabalho constitui-se fora da língua. Sobre esse aspecto, Tchougounnikov (2005, p. 17) relembra que a materialização de um signo envolve necessariamente sua socialização, fenômeno que “vem abolir a divisão entre o interno e o externo”. O autor avança nesse sentido, pontuando que a rede de relações interpessoais, ou seja, o aspecto social, é a condição de funcionamento do signo.

Para traduzirmos a questão, concluímos esta seção com Tchougounnikov (2005), que sintetiza as formulações do Círculo de Bakhtin a respeito do caráter ideológico, dialógico e polifônico do signo da seguinte maneira: (1) trata-se de uma dimensão fundamental da linguagem humana; (2) trata-se de um elemento presente em todo enunciado; (3) trata-se da própria condição do funcionamento lingüístico.

Agitação, propaganda e palavra de ordem no contexto revolucionário

O discurso da propaganda, como lembra Zandwais (2019), teve desdobramentos diferentes no continente europeu e nos Estados Unidos, principalmente no período entre guerras. Para Zandwais, nos Estados Unidos, a propaganda tornou-se a ferramenta para incentivar o consumo de massas e, assim, alavancar o desenvolvimento da economia de mercado. No continente europeu, por outro lado, “a propaganda buscou inicialmente sustentar a eficácia da disseminação de ideias gestadas no campo político para fazer circular o trabalho de determinadas ideologias” (2019, p. 70), de modo a assegurar as relações de poder de Estado sobre as massas. Pretendemos aqui trabalhar este segundo ponto de vista da propaganda, de viés político e ideológico, a partir da ótica russa.

Enquanto estratégia retórica, a concepção de propaganda foi inicialmente elaborada por Gueorgui Plekhánov (1856-1918), teórico marxista russo (ZANDWAIS, 2019). Mais tarde, a dialética entre agitação e propaganda foi sistematizada por Vladímir Lênin (1870-1924), notadamente em *Que Fazer?*³, brochura publicada em 1902.

Que Fazer?, texto de suma importância para a história da Revolução Russa, retrata um momento crucial para o desenvolvimento político de Lênin: a cisão do Partido Operário Social Democrata Russo (POS DR) entre bolcheviques e mencheviques. A raiz dessa cisão estava na própria concepção de partido. Enquanto o grupo de Julius Martov⁴, os mencheviques, almejava um partido mais aberto, sem restrições, em que bastasse filiar-se para o compor, Lênin, representante dos bolcheviques, defendia uma concepção de partido de militantes profissionais, que desempenhassem tarefas específicas e fundamentais para o desenvolvimento do partido e da revolução, dentre essas a agitação e a propaganda. O historiador e biógrafo Tamás Krausz (2017, p. 158) elucida bem a posição de Lênin em relação à propaganda:

Durante os primeiros anos de exílio na Europa ocidental, Lênin descobriu que o regime impingia à consciência do operariado noções que sustentavam o capitalismo – por meio, por exemplo, de propaganda ou da mídia em geral. A partir daí, concluiu que “não poderá haver movimento revolucionário sem filosofia revolucionária”. Isso deveria se converter em esforços diários de propaganda e teorias que embasassem a rebelião, considerando condições locais e nacionais.

Lênin, apoiado nas elaborações de Plekhánov, diferenciava as tarefas do propagandista e do agitador da seguinte maneira: o propagandista, querendo tratar, por exemplo, do

³ *Что делат? Nabolíéevchie voprocý náchego dvíjeníia* [Что делать? Наболевшие вопросы нашего движения]. Neste trabalho, apoiamo-nos tanto no texto original quanto na tradução francesa das Éditions du Progrès.

⁴ Julius Martov (1873-1923) foi fundador, ao lado de Lênin e de outros revolucionários, da União de luta pela emancipação da classe operária (1895) e do POS DR. Com a cisão do POS DR, tornou-se dirigente da fração menchevique.

desemprego, explicará a natureza capitalista das crises, e argumentará da necessidade de transformação da sociedade, mostrando a raiz do problema. Ou seja, ele trará um grande número de ideias que, por sua quantidade, só poderão ser assimiladas por um número pequeno de pessoas. Já o agitador lembrará de um fato conhecido entre seu público, por exemplo, uma família desempregada que morreu de fome, e, com apenas uma ideia, suscitará a indignação da sua audiência contra a miséria, a fome, mas sem desenvolver para isso uma grande argumentação. A explicação, nesse caso, seria tarefa do propagandista (LÊNINE, [1902]1982, p. 166).

A natureza das tarefas também influencia o meio em que elas são desenvolvidas. Nesse ponto, Lênin ([1902]1963, p. 67) faz uma afirmação crucial, também recuperada por Brandist (2016): “*Propagandist deistvuet poetomu glavnyim obrazom petchatnym, agitator – jivym slovom*”⁵. Traduzindo livremente, o que Lênin quer dizer é que o propagandista age principalmente através da escrita, enquanto o agitador se vale da palavra viva. Por precisar desenvolver um grande número de ideias, o propagandista precisa escrever, publicar na imprensa, etc. A ferramenta do agitador, por sua vez, é o discurso público, sua voz e sua palavra, em contato direto com sua audiência. O caráter de disputa no discurso público é essencial na noção de palavra viva, como nos traz Brandist (2016, p. 19):

Especialmente após 1905, com o crescimento do ativismo político, dos discursos parlamentares e apresentações no tribunal, a ideia de que o que estava acontecendo na Rússia era um autêntico renascimento da palavra viva, живое слово, foi amplamente difundida [...].

Segundo o autor, os conceitos de agitação e propaganda foram desenvolvidos por Plekhánov para que os revolucionários pudessem intervir nas assembleias livres e reuniões através de argumentações elaboradas de acordo com as características de sua audiência – o que nos remonta, automaticamente, a Volóchinov ([1930]2019), quando afirma que o conjunto de condições e situações de um auditório determina a construção do enunciado do falante. Brandist (2016) traz o conceito grego de *isegoria* para compreender a importância da palavra viva no contexto revolucionário russo. *Isegoria*, segundo o autor, é o direito de falar em assembleia, relacionado à retórica deliberativa, que envolvia

[...] o *Ethos* (estabelecer confiança no orador); o *Pathos* (despertar os sentimentos da audiência); e *Pistis* (prova) dada por meio de *Paradeigma* (exemplo) escolhido de acordo com sua adequação; como também *Prepon*, que exigia a avaliação das características sociológicas específicas de uma audiência e uma orientação sobre os seus valores. (BRANDIST, 2016, p. 16, grifos do autor)

⁵ “Пропагандист действует поэтому главным образом печатным, agitator – живым словом”.

Essa noção ajuda-nos também a compreender a palavra de ordem, uma vez que esta última também opera, em maior ou menor grau, tais conceitos. Em assembleias, era e ainda é comum começar ou encerrar falas com palavras de ordem, de maneira a sintetizar a exposição e a posição do orador. Ao nosso ver, a palavra de ordem pode ser considerada como um produto da agitação e da propaganda. Segundo Lênin ([1917b]2005, p. 69), no texto *A propósito das palavras de ordem*⁶, originalmente publicado sob a forma de panfleto, “cada palavra de ordem particular deve derivar do conjunto de peculiaridades de uma determinada situação política”. Ela seria, portanto, a síntese propositiva de uma situação política, contendo grande conteúdo em poucas palavras, com um propósito agitativo para com as massas.

Palavra de ordem, palavra viva

Para conduzir esta análise, selecionamos duas palavras de ordem de grande importância para o momento político da Revolução Russa de 1917: “todo poder aos soviets” e “paz, pão e terra”. Tentaremos, aqui, fornecer algumas noções do contexto histórico e social, sem, contudo, tratar minuciosamente dessas questões, devido à limitação do espaço e da proposta do trabalho. Dividiremos a seção em duas partes para tratar cada palavra de ordem mais detidamente.

Todo poder aos soviets

Lênin ([1917b]2005, p. 69) começa *A propósito das palavras de ordem* declarando que, frequentemente, quando há uma mudança brusca na história, mesmo os partidos mais avançados levam um certo tempo para habituarem-se à nova situação, repetindo palavras de ordem até então corretas, mas que de súbito perdem o sentido, tão subitamente quanto as mudanças na história. Ele se refere, nesse texto, à palavra de ordem “todo poder aos soviets”⁷: “Ela foi justa durante um período irrevogavelmente passado de nossa revolução. [...] Esta palavra de ordem agora visivelmente deixou de ser justa” (LENIN, [1917b]2005, p. 69). Para ele, “todo poder aos soviets” era, ainda que nem todos os partidários dela compreendessem, “a palavra de ordem do desenvolvimento pacífico da revolução, que de 27 de fevereiro até 4 de julho era possível, e, naturalmente, o mais desejável, e que já é absolutamente impossível” (LENIN, [1917b]2005, p. 69-70). Lênin referia-se ao começo da revolução, que iniciara em fevereiro, tendo como forças políticas principais o Soviete de Petrogrado e o governo provisório estabelecido pela *duma*, órgão legislativo da Rússia. A palavra de ordem, portanto, propunha a passagem completa do poder aos soviets, de modo a extinguir o governo provisório.

⁶ *K lozungam* [К лозунгам].

⁷ *Vsia vlast sovietam* [Вся власть Советам].

Com o avanço da contrarrevolução no momento de escrita do texto (meados de julho de 1917), Lênin acreditava ser impossível o desenvolvimento da revolução em vias pacíficas – ela deveria, portanto, ser de responsabilidade do proletário revolucionário, que deveria tomar o poder de Estado. Ele clamava pela reorganização da agitação do povo, explicando a necessidade de atualizar a palavra de ordem do dia:

A palavra de ordem da passagem do poder para os soviets soaria agora como quixotismo ou troça. Seguir esta palavra de ordem, objetivamente, seria enganar o povo, infundir-lhe a ilusão de que, mesmo *agora*, bastaria aos soviets querer tomar o poder ou deliberar isto para obtê-lo, de que no soviets ainda se encontram partidos não manchados pela cumplicidade com os verdugos, de que é possível fingir que aquilo que aconteceu não tenha acontecido. (LENIN, [1917b]2005, p. 71, grifo do autor)⁸

No entanto, segundo Tamás Krausz (2017, p. 325),

Quando o equilíbrio de forças mudou em favor dos bolcheviques no fim de agosto, Lênin mais uma vez presumiu que esse era um meio para o “desenvolvimento pacífico” da revolução e declarou a palavra de ordem: “Todo poder aos soviets!”.

Krausz (2017, p. 286), com base em carta de Lênin ao Comitê Central datada em setembro de 1917, relembra que o revolucionário considerava a insurreição como uma arte que não deveria se basear nem em conspirações e nem no partido, mas sim na classe avançada e nas “suas organizações espontâneas, como se expressava pelo lema ‘Todo poder aos soviets!’”.

Esses movimentos de Lênin evidenciam o caráter vivo da palavra de ordem: representando um presente imediato, sempre em disputa, movimentado pela luta de classes, a palavra de ordem não poderia deixar de ser uma palavra viva. Ela era proposta para a fala em público, em grandes multidões. Como relembra Volóchinov ([1930b]2019), a palavra reflete e refrata a história, suas contradições e seu movimento dialético. Estando a palavra inevitavelmente atrelada à história, é perfeitamente aceitável a efemeridade das palavras de ordem para Lênin:

Ao dizer que certas palavras são verdadeiras ou falsas, justas ou tendenciosas, sensatas ou insensatas, profundas ou superficiais, fazemos juízo não em relação às próprias palavras, mas à *realidade* que é refletida e refratada nas palavras-signos. (VOLÓCHINOV, [1930b]2019, p. 316, grifo do autor)

⁸ Lênin refere-se aqui à posição de cumplicidade e entreguismo dos socialistas revolucionários e mencheviques, partidos que compunham os soviets, em relação ao governo provisório.

Lênin, além de propor a palavra de ordem, também escrevia, em cartas ou panfletos, argumentos de defesa da justeza e necessidade de cada palavra de ordem, exercendo, assim, a agitação e a propaganda: a agitação sendo a própria palavra de ordem para a população e a propaganda sendo o convencimento das camadas políticas e intelectuais para a palavra de ordem proposta.

Paz, pão e terra

A palavra de ordem “paz, pão e terra”⁹ remonta a abril de 1917, momento em que Lênin, atento às notícias vindas da Rússia em seu exílio na Suíça, decide voltar clandestinamente ao país para atuar na revolução. Durante a viagem, ele escreve breves notas intituladas *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução*¹⁰, mas conhecidas historicamente sob o nome de *Teses de abril*, que seriam lidas em reunião dos bolcheviques e em reunião preparatória à conferência do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Toda a Rússia e também publicadas no jornal *Pravda*, número 26, em 7 de abril de 1917.

O breve texto aponta, em dez teses, a concepção tática de Lênin para a atuação dos bolcheviques naquele momento, tendo em vista que a Rússia, sob um governo provisório, batalhava na Primeira Guerra Mundial enquanto sua população, alheia aos motivos imperialistas que justificariam a guerra, morria de fome.

Embora a palavra de ordem “paz, pão e terra” não figure nas *Teses*, elas fundamentam as bases para esta síntese. A primeira tese versa sobre a paz, que, para Lênin ([1917a]2005, p. 64, grifo do autor), só poderia acontecer com a saída da Rússia da guerra imperialista e com a confraternização dos soldados: “[...] sem derrubar o capital é *impossível* pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática e não imposta pela violência”. Ele ressalta, ainda, a necessidade da mais ampla propaganda desta primeira tese entre os soldados que estavam na frente de guerra.

A sexta tese trata do direito à terra, principal reivindicação dos camponeses russos. Como proposta ao problema agrário, Lênin propunha o confisco de todas as terras do país para a partilha através do soviete de camponeses. De fato, esta foi uma das primeiras medidas adotadas por Lênin, consolidando assim uma revolução verdadeiramente operário-camponesa, através do “Decreto sobre a Terra”, adotado em outubro pelo II Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia (KRAUSZ, 2017). A oitava tese, por sua vez, trata da produção e distribuição de

⁹ *Mir, khleb, zemlia* [мир, хлеб, земля].

¹⁰ *O zadatchakh proletariata v dannoi revoliutsii (Aprelshkie tézisy)* [О задачах пролетариата в данной революции (Апрельские тезисы)].

produtos e gêneros alimentícios para a população, que, para Lênin, deveria ser de responsabilidade e controle dos soviets de deputados operários. Essa transferência de poder poderia ser considerada como uma das primeiras medidas de transição ao socialismo.

A síntese “paz, pão e terra” foi retomada por Lênin diversas vezes após a publicação das *Teses de Abril*. Em carta ao Comitê Central e aos membros bolcheviques dos soviets de Petrogrado e Moscou escrita em outubro de 1917, Lênin ([1917c]1969, p. 341) recomenda a agitação dessa palavra de ordem: “O soviete de Petrogrado pode aguardar, agitando a favor do governo soviético de Moscou. A palavra de ordem: poder aos soviets, terra aos camponeses, paz aos povos, pão aos famintos”¹¹. Aqui, vemos a união das duas palavras de ordem tratadas neste trabalho, o que ressalta a importância delas para Lênin. Vemos também a proposição “paz aos povos”, – utilizando a palavra povos [*narody*/народы] no plural, Lênin evidenciava um grande debate interno da Rússia na época: a autodeterminação e a luta por direitos das diversas etnias e povos minoritários que compunham a nação russa. Segundo Krausz (2017), o POSDR foi um dos primeiros partidos sociais-democratas a reconhecer o direito das nações à autodeterminação. Ainda assim, o partido também reforçava seu caráter de classe em detrimento das nacionalidades, mantendo, dessa maneira, um ponto de coesão entre as diversas etnias.

Na palavra de ordem “paz, pão e terra” também está a síntese do significado de agitação: a capacidade de exprimir um programa político inteiro com o mínimo de palavras e de maneira a tocar a população em suas preocupações mais concretas. Com apenas três signos, Lênin opera uma dimensão ideológica riquíssima, combinando o consenso das necessidades da população com propostas revolucionárias para um país de proporções continentais.

Volóchinov, tanto em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* ([1929]2018) como em *A palavra e sua função social* ([1930b]2019), apresenta-nos a possibilidade de objetos, instrumentos e produtos de consumo transformarem-se em signos ideológicos. Ele traz como exemplos ao leitor os símbolos do pão e do vinho no sacramento cristão, ou a foice o martelo do brasão soviético. Aqui, podemos enxergar o mesmo funcionamento ideológico: o pão é a resposta à fome que dizimava a população; a paz, uma saída digna da Rússia de uma guerra que não lhe pertencia; a terra, o direito dos camponeses que nela trabalhavam. Podemos concluir, apoiados em Volóchinov ([1929]2018), que a palavra de ordem, como toda palavra, opera no

¹¹ Tradução nossa. No original: “*Piterckii Soviet mojet vyjdat, agitiruiia za moskovskoe sovetskoe pravitelhstvo. Lozung: vlast sovietam, zemlia krestianam, mir narodam, khleb golodnym*”. [Питерский Совет может выждать, агитируя за московское советское правительство. Лозунг: власть Советам, земля крестьянам, мир народам, хлеб голодным].

universo ideológico, podendo assumir uma função ideológica, mas talvez com fins antecipadamente previstos. Assim, vemos a dialética entre a ideologia da vida (ou do cotidiano) e a ideologia propriamente dita, que designa as esferas da atividade simbólica, de acordo com Lähteenmäki (2012). Para Volóchinov (1973, p. 90 apud LÄHTEENMÄKI, 2012, p. 96), a relação entre os dois tipos de ideologias é recíproca: “a ideologia da vida fornece à ideologia propriamente dita os significados ideológicos ou as matérias-primas, as quais são, então, reformuladas em diferentes esferas da ideologia propriamente dita”. Em movimento contrário, a ideologia propriamente dita influencia a experiência cotidiana, refletindo-se novamente nessa esfera.

Considerações finais

Retomando a passagem de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que apresentamos no começo do trabalho, Volóchinov ([1929]2018, p. 106), ao dizer que a palavra é o indicador mais sensível das mudanças sociais, acrescenta:

A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam.

No recorte histórico que traçamos aqui, tentamos demonstrar a riqueza de debates que tomaram a Rússia no período revolucionário, em que a palavra viva, a palavra de ordem, a agitação e a propaganda foram fundamentais para a decisão dos rumos do país. A revolução, ao menos em seu primeiro momento, almejou proporcionar um acesso democrático à palavra, como vimos em iniciativas como o Instituto da Palavra Viva de Iakubinski (IVANOVA, 2012). A euforia política que tomou a Rússia levou à intensa participação da população nos debates nacionais. Krausz (2017, p. 282-283) fornece uma visão do que foi esse momento histórico:

No verão de 1917, os delegados do I Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia representavam mais de 20,3 milhões de pessoas, número vinte vezes maior que o de membros do partido [bolchevique]. Entre os mais de 20 milhões de pessoas, quase 6 milhões eram operários, por volta de 5 milhões eram camponeses, e mais de 9 milhões eram soldados [...]. Os delegados dos soviets foram eleitos por essa população. Milhões estavam organizados no que hoje se denominaria organizações da sociedade civil. O povo, despertado para a consciência de sua liberdade, reunia-se em grupos categorizados pela maior variedade possível de profissões e interesses. Diferentemente dos partidos, membros das organizações civis apresentavam uma constituição de todo heterogênea, em termos tanto sociais quanto ideológicos.

As proposições de Volóchinov e do Círculo de Bakhtin também são fruto do ambiente revolucionário vivido na Rússia na primeira metade do século XX. A ascensão dos debates públicos, a divulgação de palavras de ordem, a participação ativa da população para os rumos da Rússia contribuíram, também, para o riquíssimo ambiente acadêmico onde obras incontornáveis como *Marxismo e Filosofia da Linguagem* puderam ser escritas e discutidas.

Referências

BRANDIST, C. Bakhtine, la sociologie du langage et le roman. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 14, p. 59-83, 2003.

BRANDIST, C. “Palavra viva”, Isegoria e a política da deliberação na Rússia revolucionária. *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 11, n. 16, p. 15-22, 2016.

IVANOVA, I. Lev Jakubinski (1892-1945): o destino de um linguista russo. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 225-241, dez. 2012.

KRAUSZ, T. *Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LÄHTEENMÄKI, M. Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido. In: ZANDWAIS, A. (org.). *História das ideias: diálogos entre linguagem, cultura e história*. Passo Fundo: Editora UPF, 2012. p. 92-119.

LÊNIN, V. I. Chto delat? Naboliéevchie voprocý náchego dvijenii. In: _____. *Polnoe sobranie sochinenii*. Tomo 6. 5ª ed. Moscou: Institut marksizma-leninizma, [1902]1963. p. 1-192. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/06.htm#s1>. Acesso em: 1º mar. 2020.

LÊNIN, V. I. Pismo v TSK, MK, PK i tchlenam sovietov pitera i moskvy bolhchevikam. In: LÊNIN, V. I. *Polnoe sobranie sochinenii*. Tomo 34. 5ª ed. Moscou: Institut marksizma-leninizma, [1917c]1969. p. 340-341. Disponível em: <http://kvistrel.ucoz.ru/biblioteka/LeninSob/34.htm#p19>. Acesso em: 1º mar. 2020.

LENIN, V.I. Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução (Teses de abril). In: LÊNIN, V. I; ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo, [1917a]2005. p. 63-68.

LÊNIN, V. I. A propósito das palavras de ordem. In: LÊNIN, V. I; ZIZEK, Slavoj. *Às portas da revolução: escritos de Lenin de 1917*. São Paulo: Boitempo, [1917b]2005. p. 69-76.

LÊNINE, V. Que faire? Les questions brûlantes de notre mouvement. In: _____. *Œuvres choisies*. Vol. 1. Moscou: Éditions du Progrès, [1902]1982. p. 113-266.

MALAMOUD, C.; OMELYANTCHIK, V. Russo. In: CASSIN, B. (Coord.). *Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Volume um: línguas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 277-285.

TCHOUGOUNNIKOV, S. O Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética (1920-1930). *Conexão Letras*, Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 11-46, 2005.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, [1929]2018.

VOLÓCHINOV, V. O que é a linguagem/língua? In: _____. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, [1930a]2019. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, V. A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. São Paulo: Editora 34, [1930b]2019. p. 306-336.

ZANDWAIS, A. Possíveis leituras de “Foi Propaganda Mesmo Que Você Disse?” de Michel Pêcheux. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 14, n. 22, p. 67-79, jul.-dez. 2019.